



A TRANSCULTURAÇÃO NARRATIVA NOS “MANIFESTOS CURAU” DE VICENTE CECIM

LA TRANSCULTURACIÓN NARRATIVA EN LOS “MANIFIESTOS CURAU” DE VICENTE CECIM

Prof. Ms. Leomir Silva de Carvalho (UFPA)¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os “Manifestos Curau” como parte da narrativa transculturadora de *Viagem a Andara: o livro invisível* (1988) de Vicente Franz Cecim. Uma narrativa transculturadora segundo o crítico uruguaio Ángel Rama (1926–1983) é aquela que reorganiza os referentes da cultura regional utilizando-se de contribuições da modernidade. Este artigo utiliza-se do ensaio de Rama, “Literatura e cultura” (1982). Nele Rama propõe o que nomeia como narrativa transculturadora, que se evidencia na literatura de vertente regionalista, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, em escritores como Juan Rulfo e João Guimarães Rosa. Estes produzem obras nas quais a noção de regionalismo é ressignificada, ultrapassando a ideia de um localismo restrito, para um espaço transculturado, isto é, capaz de rearticular os dados da cultura da região. Os “Manifestos Curau”, “Flagrados em delito contra a noite” e “No coração da luz”, se inserem nesse contexto como norteadores de um discurso político-literário sobre a região. O primeiro foi lançado em ato público na abertura do Congresso da SBPC de 1983, em pleno Teatro da Paz. O segundo foi publicado no periódico *Diário do Pará* em 2003, no qual Cecim retorna ao primeiro examinando seu legado e lança um olhar sobre o futuro, se questionando acerca do que ainda pode ser feito pela Amazônia.

Palavras-chave: Manifestos Curau. Transculturação narrativa. *Viagem a Andara*.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar los “Manifiestos Curau” como parte de la narrativa transculturadora de *Viagem a Andara: o livro invisível* (1988) de Vicente Franz Cecim. Una narrativa transculturadora según el crítico uruguayo Ángel Rama (1926-1983) es aquella que reorganiza los referentes de la cultura regional utilizándose de contribuciones de la modernidad. Este artículo se utilizó del ensayo de Rama, “Literatura y cultura” (1982). En él Rama propone lo que nombra como narrativa transculturadora, que se evidencia en la literatura de vertiente regionalista, sobre todo tras la Segunda Guerra Mundial, en escritores como Juan Rulfo y João Guimarães Rosa. Estos producen obras en las cuales la noción de regionalismo es re-significada, excediendo la idea de un localismo restricto, para un espacio transculturado, o sea, capaz de re-articular los datos de la cultura de la región. Los “Manifiestos Curau”, “Flagrados em delito contra noite” y “No coração luz”, se insertan en ese contexto como orientadores de un discurso político-literario sobre la región. Lo primero fue lanzado en acto público en la abertura del Congreso de la SBPC de 1983 en Teatro da Paz. Lo segundo fue publicado en el periódico *Diário do Pará* en 2003 en el cual Cecim regresa al

¹ Professor Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará, participante do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas e Tradutor público e Intérprete Juramentado pela JUCEPA desde 2012.

primero manifiesto examinando su legado y lanza una mirada sobre el futuro cuestionando acerca de lo que todavía puede ser hecho por la Amazonía.

Palabras-clave: Manifiestos Curau. Transculturación narrativa. *Viagem a Andara*.

Ao escrever este texto me veio a seguinte questão: é possível escrever sobre um livro invisível? Como escrever sobre o invisível sem desconstruir o seu cerne categoricamente fantasmático? Esse objetivo só pode tornar-se palpável quando se aceita esse objeto em seu movimento de *miragem*, relacionando à perspectiva de Barthes (2008) sobre a linguagem. O texto de Cecim, que resiste às aproximações que dele realizo, é também o que me convida a segui-lo e desvendá-lo. E, quanto ao seu cerne que se quer fantasmático, talvez eu cumpra muito mais suas intenções por meio de uma leitura que não almeja ser definitiva e que reconhece que só ao desconstruí-lo é capaz de atingi-lo em completude.

Vicente Franz Cecim é poeta paraense nascido em Belém. O fato de ter nascido numa cidade situada na Amazônia toma um sentido particular em sua obra. O escritor paraense entra nesse lugar, para recriá-la, além dos limites da natureza, como região do imaginário mítico e onírico, que vem a lume no espaço transculturado dos livros reunidos em *Viagem a Andara, o livro invisível* (1988). Essa viagem rumo ao lugar de mistério chamado Andara começa em 1979 com *A asa e a Serpente*, que em sequência com os demais compõem o que o autor chama de livros visíveis, são eles: *Os animais da terra, Os jardins e a noite, Terra da sombra e do não, Diante de ti só verás o Atlântico, O sereno e As armas submersas*. Andara é a floresta que une as obras do autor, sugerindo que a viagem permanece inconclusa.

Viagem a Andara alcançou reconhecimento nacional ao receber o Grande Prêmio de Crítica da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 1988, e prestígio internacional com a Menção Especial no Premio Internacional Plural, do México, em 1981. Sua escrita então é aclamada por críticos e escritores como Benedito Nunes e Fabrício Carpinejar e comparada a Guimarães Rosa.

Todavia, os textos que me provocam a essa exposição não fazem parte de nenhum dos livros visíveis e ao mesmo tempo, como um fantasma, perpassam sua escrita como vultos sempre presentes e invisíveis. Estes são os Manifiestos Curau, o primeiro intitulado *Flagrados em delito contra a noite*, escrito dois anos depois de seu primeiro livro, e o segundo é *No coração da luz* de 2003. Se formos ao *Dicionário Houaiss* para investigar uma breve acepção para a palavra “manifesto” chegaremos a: “declaração pública e solene na qual um governo

ou um partido político, um grupo de pessoas ou uma pessoa, expõe determinada posição, programa ou concepção”.

Pode-se dizer que o primeiro manifesto de Cecim não foge a esse sentido, sendo lançado em 1983 no Congresso da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – que acontecia em Belém, como parte de um ato-público, em pleno Teatro da Paz. Para Camêlo (2010) “o Flagrados em delito contra a noite/ Manifesto Curau passou a existir para além de seu autor, numa performance corajosa e inesperada, porém planejada diante de autoridades civis, militares e eclesiásticas constituídas”. O segundo, ainda que tenha sido publicado como manifesto, questiona essa condição, se projetando, sobretudo com o objetivo de avaliar o legado utópico aberto pelo primeiro. Foi publicado no *Diário do Pará*, jornal de grande circulação da capital paraense.

Estes textos anunciam a narrativa transculturadora de *Viagem a Andara* e a projetam política e esteticamente na literatura da região. Ao se inserir nesse espaço, Cecim deixa de lado a categoria do exótico e parte em direção às particularidades históricas que tornam a Amazônia um lugar de exploração por excelência do homem nativo e dos recursos naturais e, ao mesmo tempo, de alto potencial criador. Entende-se narrativa transculturadora conforme os termos de Ángel Rama (1926-1983), crítico e ensaísta uruguaio, que, em *Transculturación narrativa* (1982), aborda o tema.

O conceito de transculturação advém do antropólogo cubano Fernando Ortiz (1881-1969), que, em lugar de aculturação, que tem como pressuposto a mera obtenção de uma cultura, prefere utilizar o prefixo *trans-* para sublinhar o processo que presume a reorganização e o surgimento de novas configurações culturais. Tal processo é chamado pelo crítico uruguaio de neoculturação.

Rama, ao dialogar com Ortiz, readapta o conceito deste para o plano literário e prefere proceder ao que chama de “correções obrigatórias”, visto que a perspectiva do antropólogo cubano é excessivamente rigorosa, o que não contempla a tendência seletiva e inventiva do fenômeno literário. O crítico uruguaio prefere lançar mão do que chama de transculturação narrativa, termo que ao aplicar-se a obra institui a possibilidade criadora a partir da seleção proveniente dos sistemas culturais interno e externo.

Desse modo, observa-se que em *Viagem a Andara: o livro invisível*, o narrador peregrina num espaço mítico organizado de modo particular: “E é então que nova voz vem no vento, para dizer: - Andara. Lá as ruas estão sempre vazias e aquilo, a floresta, vem avançando, vem cada vez mais perto de nós. [...] Andara é a África que temos dentro de nós”

(CECIM, 1988, p. 132). Em *Viagem a Andara* o leitor deve considerar a palavra para além da sua aceção primeira e questionar, constantemente, a imponderabilidade do real, passível a confundir-se com a perspectiva do observador: “Andara é perto e longe. Andara está dentro de ti. E fora. E dentro de mim. Diz a voz”. (CECIM, 1988, p.14). Assim, constata-se que, em sua obra, o escritor paraense ao situar sua narrativa num lugar mais próximo do imaginário, excede a camada de referentes imediatos da região rumo a uma elaboração transculturadora.

Em *Flagrados em delito contra a noite* Cecim convida a um olhar que interroge o entorno, capaz de ver “com um outro olho”, visto que nos acostumamos a ver o mundo sob a lógica cartesiana e pragmática. Com esse olho nos acreditamos despertos e queremos acreditar que o que não esteja envolto por ele está relegado a uma existência *fantasma*.

Porque, na verdade, esse ocidente nega o real, sob o álibi de recusar o sonho em nome de uma realidade que de fato, é vazia e inexistente, porque mero artifício engenhoso engendrador de uma forma de dominação que se quer estável e permanente, certeza e reafirmação da manutenção do poder. (CECIM, 2010, p. 323)

A virada para o autor paraense está em um novo paradoxo: a solução para o “Ocidente culto” é transfigurar esse real conhecido pela irrealidade do imaginário. Os países fora desse Ocidente controlador da cultura são os que apresentam esse potencial transfigurador: “O medo ocidental culto é o medo dos imperialismos da Razão e sua base econômica e totemicamente moral, as possibilidades históricas e estéticas da África, da Ásia, do Oriente Médio e da América Latina”. (CECIM, 2010, p. 323).

Referindo-se aos “homens de cultura” Cecim afirma que um caminho para a renovação é voltar-se para a cultura popular como forma de apropriar-se do próprio manancial e fugir do estereótipo asfixiante de modelos predefinidos de regional. Ao pensar a Amazônia, como esse lugar onde os dados locais se aprofundam para construir um diálogo com o homem, o autor de *Andara* traça um paralelo com o Sertão de Guimarães Rosa (1908-1967):

Em sua outra geografia, como nenhum outro, Guimarães Rosa soube fazer o encontro revelador do seu destino individual com o destino da sua região, e, mais ainda soube transformar esta região numa metáfora de toda a vida. Nele, em todos os seus livros-salmos, livros-santos, livros-rituais de iniciação na existência, falam mitologias pessoais. E falam também mitologias de sua região. Nele, Riobaldo é um homem e é os homens, qualquer um de nós, e é também Guimarães Rosa. Nesse Guimarães Rosa, o Sertão é um sertão e é mais do que aquela região lá, geograficamente fixada num ponto qualquer da costa do planeta. (CECIM, 2010, p. 328)

Cecim, ao final, conclama seus ouvintes a constituírem uma nova História que agregue homem e região pelo elemento criativo do imaginário: “Nossa História só terá realidade quando o nosso imaginário a refizer, a nosso favor”. (CECIM, 2010, p. 328)

No último manifesto o autor paraense revisita o legado de 22 anos deixado pelo primeiro. Em *No coração da luz*, Cecim se pergunta o que aconteceu depois do Congresso da SBPC de 1983. De sua parte afirma que a viagem prossegue, com o lançamento dos outros livros que continuam a viagem começada pelo primeiro: *Ó serdespanto* (2001), *K O escuro da semente* (2005) e *oÓ desnutrir a pedra* (2008), todos publicados primeiramente em Portugal.

O anseio do primeiro manifesto, de expandir o imaginário amazônico, também mantém. Cecim observa que Andara ao se tornar lugar de todos os lugares e por isso mesmo, lugar nenhum, transpôs as fronteiras da territorialidade e seguiu sua própria viagem. Incluem-se neste caminho próprio as recriações independentes de Andara feitas por outros escritores da região.

Ainda assim, o autor paraense considera que as questões políticas levantadas pelo manifesto anterior permanecem em aberto:

As exigências do *Manifesto Curau* não sendo somente poéticas, mas também políticas, pois trata-se de um manifesto poético-político, tantos anos depois ainda somos flagrados em delito contra as nossas noites e os nossos dias, aos constataremos , hoje, que quase nada realizamos do que aquela Voz faz tanto tempo nos pedia. (CECIM, 2010, p. 328)

É revisitando a voz desse narrador das fantasmagorias do invisível, que narra de um lugar inexistente e ao mesmo tempo tão próprio, que leio Andara e penso a sua obra e a região que intimamente alcança. A Amazônia atual, de Belo Monte, da exploração mineral desenfreada e do crescimento desordenado, demonstra que ainda não escutou a Voz da utopia que dormita no primeiro manifesto. Entende-se utopia como aquele movimento de *miragem*, necessária para nos conduzir a viagem. Essa utopia que se reacende no segundo Manifesto, para nos contar que o compromisso com o invisível e a viagem deve permanecer em nós.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Aula*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

CECIM, Vicente Franz. *Andara: o livro invisível*. São Paulo: 1988, 386 p.

_____. Manifesto Curau/ Parte II: Flagrados em delito contra a noite. In:

WALTER, Roland; FERREIRA, Ermelinda (orgs). *Narrações da violência biótica*. Recife: Ed. Universitária, 2010, p. 321-329.

Dicionário Houaiss. Disponível em: <<http://dicionario.cijun.sp.gov.br/houaiss/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>> Acesso em: 14 de outubro de 2013.

RAMA, Ángel. Literatura e Cultura. In: *Literatura e cultura na América Latina*. AGUIAR, Flávio e VASCONCELOS, Sandra Guardini T.(org); tradução: Raquel la Corte dos Santos, Elza Gaspareto. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.